

A REPRESENTAÇÃO NEGRA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL NO ESPAÇO ESCOLAR DO ENSINO FUNDAMENTAL I**BLACK REPRESENTATION CHILDREN AND YOUTH LITERATURE IN ELEMENTARY SCHOOL I SPACE**

Márcia Gomes Tavares Silva

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG)

marciagomestavaressilva@outlook.com

167

Resumo: Vivemos tempos em que discussões acerca do racismo têm sido reavivadas em decorrência de diversos conflitos, bem como pela representatividade do negro na atual sociedade brasileira. O estudo intitulado a representação negra na literatura infantojuvenil no espaço escolar do ensino fundamental I objetiva analisar as potencialidades da literatura infantojuvenil para naturalização de questões étnico raciais na sala de aula, com base na Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Realizou-se um levantamento bibliográfico em obras literárias disponibilizadas pelo poder público como material didático para o ensino fundamental I e outras obras que abordam a temática que não compõem o acervo de uma escola. O estudo configura-se como discussão bibliográfica cimentado em obras de autores negros e outros não negros que voltam os olhares para produções específicas ao público infantil, com temas que retratam a desconstrução de estereótipos em relação aos descendentes afro-brasileiros. Investigou-se em que medida a autoafirmação da identidade negra poderá ser trabalhada por meio da literatura infantil no ensino fundamental I, contribuindo para que as crianças se reconheçam enquanto membros da comunidade negra brasileira, fugindo dos “perigos de uma história única”. O trabalho apresenta algumas obras como referência que podem ser trabalhadas com o público infantojuvenil que convergem com a temática em questão. Chegou-se à compreensão que explorar a literatura produzida para negros, no ensino fundamental I, contribui para que as crianças se identifiquem, se aceitem com naturalidade e se amem com a cor da sua pele, cabelos crespos e demais aspectos que fazem parte dos traços negros, diminuindo consideravelmente atos de racismo e *bullying* na escola.

Palavras-chave: Ensino Fundamental I. Escola. Literatura Infantojuvenil. Racismo.

Abstract: We live in times in which discussions about racism have been revived because of occurrences of various conflicts, as well as by the representativity of black people in the current Brazilian society. The study entitled the black representativity in children's literature in elementary school I seeks to analyze the potential of children's literature to naturalize racial ethnic issues in the classroom, based on Law 10.639, of January 9, 2003. A bibliographic survey was made available by the government as didactic material for elementary education and other work that approaches the themes that are not a part of a school collection. The study is a bibliographic discussion based on works by black and other non-black authors who focus on specific productions for children, with themes that portray the deconstruction of stereotypes in relation to Afro-Brazilian descendants. It sought to understand in which measure the self-affirmation of black identity in children's literature could be used to work through so that children recognize themselves as members of Brazilian black community, scaping the "dangers of a unique story". The work presents some materials as a reference that can be used with children and adolescents that converge with the theme in question. The

Building the way

understanding reached was that exploring literature produced for black people, in elementary school I, contributes so that children can identify themselves, accept each other naturally and love each other with the color of their skin, their curly hair and other aspects that are part of the African American traits, severely diminishing the acts of racism and bullying at school.

Keywords: Elementary school I. School. Children-adolescent literature. Racism.

Considerações iniciais

168

Vivemos tempos em que discussões acerca do racismo têm sido reavivadas pela representatividade do negro na atual sociedade brasileira. São diversos eventos de cunho racista que têm ocupado as mídias e redes sociais, não entrando nas estatísticas os casos considerados fatos isolados recorrentes em escola do ensino fundamental. Nesse contexto, buscou-se discutir a produção bibliográfica que abarque a representação negra na literatura infantojuvenil no espaço escolar do ensino fundamental I.

Uma vez que em diversos espaços sociais as relações raciais têm sido questão de amplas discussões, este estudo busca analisar as potencialidades da literatura infantojuvenil para naturalização de questões étnico-raciais na sala de aula do ensino fundamental I, com base na Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Por meio da exploração de literatura específica negra, temas contemplados pela legislação e que precisam ser intensificados, poderão contribuir significativamente para que crianças se reconheçam em suas negritudes com maior naturalidade.

Trabalhar literatura infantojuvenil com alunos do ensino fundamental I muda a percepção das crianças em relação a questões racistas. Acredita-se que as leituras aqui sugeridas contribuirão para que as crianças se identifiquem, se aceitem e se amem com a cor da sua pele, cabelos crespos e demais aspectos que fazem parte dos traços negros com naturalidade, diminuindo consideravelmente efeitos dos atos de racismo e *bullying* nas escolas. Nesse sentido, trabalhar literatura infantojuvenil com alunos do ensino fundamental I mudará a percepção das crianças em relação às questões racistas.

Destarte, a questão norteadora que baliza as investigações desta proposta é em que medida a autoafirmação da identidade negra poderá ser trabalhada por meio da literatura infantil no ensino fundamental I, contribuindo para que as crianças se reconheçam enquanto membros da comunidade negra brasileira.

Building the way

A par das leituras de Chimamanda (2019) e Baptista (2010), Oliveira (2018) acerca de questões raciais é que a metodologia pode ser construída. Apresenta-se a legislação no que se refere da temática sobre questões raciais com a linguagem adaptada para crianças. Em seguida, é feito um levantamento bibliográfico das obras literárias disponibilizadas pelo poder público como material didático e complementar para o ensino fundamental I. De acordo com Fonseca (2002, p. 32) “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos”. Após a seleção desses materiais, se identifica a contribuição de cada obra em específico. Ressalta-se que esse tipo de pesquisa possibilita diferentes olhares sobre o tema proposto por meio de novas pesquisas e estudos, uma vez que não se pretende esgotar o tema, mas apresentar uma contribuição.

A apresentação das obras de literatura infantojuvenil com as temáticas sobre as representações dos negros serão realizadas semanalmente. A cada semana uma obra será lida, discutida e vivenciada pelos alunos. Em seguida, será desempenhada uma ação pedagógica para reforçar os conteúdos (temas) trabalhados e produzidos, de forma interdisciplinar: cartazes, desenhos, textos, bonecas (*abayomi*), penteados, exposição de imagens entre outras ações, que acontecerão de acordo com a temática do livro discutido na semana.

Partimos da compreensão da relevância de se trabalhar a literatura infantojuvenil, principalmente de autores negros, voltadas para esse público, pois assim a criança poderá ter uma referência para a consolidação da autoafirmação de sua negritude, caso seja praticada desde os anos iniciais nas escolas de ensino fundamental I.

Acreditamos ser esse tema de grande relevância, uma vez que aos alunos do ensino fundamental I (entre 6 a 10 anos) são apresentadas diversas literaturas infantojuvenis, com conteúdo necessário ao aprimoramento da formação educacional dos pequenos leitores. Em seu texto *Direitos humanos e Literatura*, Candido (2017, p. 186) assevera que “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza.”

Building the way

Nesse contexto introduzido, algumas dúvidas emergem e precisam ser pensadas. Quais as práticas, dentro da perspectiva da literatura voltada para questões raciais, podem ser trabalhadas para o alcance dessa representatividade no ambiente escolar? As escolas dispõem de obras específicas para o efetivo trabalho com as crianças acerca da temática racial proposta? Os docentes recebem formação continuada para tratar das temáticas raciais na desconstrução do racismo velado. Os livros didáticos, principalmente de história, apresentam conteúdos que vão além das datas comemorativas, que ainda trazem a representação do negro escravizado e do índio selvagem? Essas questões serão pensadas ao longo desse estudo.

Partindo do entendimento que trabalhar a identidade afro-brasileira com as crianças pode acontecer de diversas maneiras. Ao ter contato com livros literários de histórias que exploram temáticas que poderão diminuir a prática de *bullying* e brincadeiras de *mau gosto* (racismo transvertido de humor), aproveitando os momentos das famílias na escola com proposta direcionada para a temática, apresentamos algumas ações que podem ser inseridas no Projeto Político Pedagógico da escola e serem executadas no decorrer do ano letivo. Por meio das práticas docentes e vivências discentes, podem ser feitas confecção de bonecas *abayomi*, dinâmicas trabalhando a singularidade dos diferentes tons de pele, a beleza tanto dos cabelos lisos quanto dos cabelos crespos, expressões preconceituosas utilizadas e tidas como sem maldade, dentre outras ações que poderão ajudar as crianças a se autoidentificarem enquanto membros ou descendentes dos negros e compreenderem com maior propriedade o racismo velado.

Dessa forma, a criança vai construindo a sua autoestima desde cedo. Aqui se abre um parêntese para trazer reflexões acerca do quanto a criança negra se percebe diferente ao se deparar com a grande maioria das bonecas e princesas comerciais (CHIMAMANDA, 2004). É aí que a representatividade se faz presente, no entendimento de que não existe uma única tonalidade de pele que se sobrepõe a outras, um único formato de corpo, uma única textura de cabelo e por aí se segue. Nesse contexto, entendemos que somos diferentes e devemos celebrar essas diferenças.

Não se pode negar a realidade de uma escola instalada na periferia da cidade, com as possibilidades mais acentuadas de situações que estão mascaradas

Building the way

pelas práticas de preconceito e discriminação racial a que alguns alunos e alunas são submetidos na escola.

Na tentativa de dar conta dessa demanda, hoje contamos com a literatura produzida especificamente para esses fins, embora comumente não as encontremos nas bibliotecas públicas ou privadas das escolas da nossa cidade com facilidade. De acordo com Zilberman (2006, p. 29), “A Literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura.” Intenta-se que professores do ensino fundamental se sensibilizem, independentemente de serem ou não negros, mas que “vistam a pele¹ dos seus alunos” para produzirem conscientização. De acordo com Castro,

Há que se estimular os professores [professoras] para estarem alertas, para o exercício de uma educação por cidadanias e diversidade em cada contato, na sala de aula ou fora dela, em uma brigada vigilante anti-racista, anti-sexista, [anti-homofóbica] e de respeito aos direitos das crianças e jovens, tanto em ser, como em vir a ser. (...). O racismo, o sexismo, [a homofobia], o adultismo que temos em nós se manifesta de forma sutil; não é necessariamente intencional e percebido, mas dói, é sofrido por quem os recebe, então são violências. E marca de forma indelével as vítimas que de alguma forma somos todos nós, mas sempre alguns, mais que os outros, mulheres, os negros, os mais jovens e os mais pobres. (CASTRO, 2005, p. 17).

Vale ressaltar que são mais de 500 anos de reprodução dessa mesma história, as vezes com novas roupagens, mas com racismo velado tanto nos livros didáticos, programas televisivos e até mesmo no senso comum. A partir da compreensão de que a escola deve buscar atender as demandas da sociedade na qual está inserida, outras formas de convivência e respeito também precisam ser construídas.

Alterou-se significativamente a necessidade de discursos voltados para a representatividade negra na sociedade brasileira atual. Entendemos que os avanços na representatividade negra são frutos de uma longa jornada de produções, posicionamentos e enfrentamentos por parte de pessoas que há tempos enxergam pelas lentes de que as diferenças entre cor da pele são exclusivamente físicas, que

¹ Vista a minha pele é um filme que trabalha a questão de cunho racista, mas invertendo os papéis entra brancos e negros. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM>

Building the way

não diminuem quem quer que seja ou tampouco influenciam no caráter do ser humano.

Nesse sentido, uma vez que a criança tiver contato com leituras acerca das questões étnico-raciais, entendendo a pluralidade de nosso país, características, comportamentos e silenciamentos, tenderá a enxergar o convívio entre negros, pardos, brancos, indígenas, amarelos, estrangeiros e outros como convivendo com seus semelhantes. Naturalmente, a escola por si só não solucionará todas as questões do tema abordado, mas poderá torna-se um indicador de caminhos possíveis para equidade racial.

A autora Nelly Novaes Coelho cita em seu livro *Literatura Infantil* que:

A escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E nesse espaço [...], pois de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente: a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua (COELHO, 1991, p. 16.).

Este estudo trata-se de uma proposta de ação para ser desenvolvido em escola do ensino fundamental I. Para tanto, serão apresentadas obras de escritores negros, a exemplo de Chimamanda, *O perigo de uma história única* e obra de Baptista *Cabelo ruim?*, que possam ser lidas e interpretadas com o direcionamento de uma consciência humanizada (CANDIDO, 1988.). Ainda, vale ressaltar que nas discussões de Candido acerca da humanização ele assevera que é,

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante (CANDIDO, 1988, p. 180).

Assim, o estudo pode auxiliar docentes, discentes e profissionais da educação no combate e superação das diferenças étnico-raciais. Para tanto, faz-se necessário conhecer a legislação vigente que regulamenta o ensino de questões de cultura afro-brasileira no ensino fundamental I; discutir como tem sido trabalhado temas sobre História e cultura afro-brasileira antirracistas, por meio da literatura infantojuvenil, na escola de ensino fundamental I; identificar as contribuições da

Building the way

literatura infanto juvenil para a formação de crianças e adolescentes livres de preconceitos raciais.

A visibilidade da população negra comumente é passada de forma marginalizada, seguindo estereótipos pejorativos, fazendo ligações com o crime organizado, morros, periferias e favelas ou grupos que vivem em situação de vulnerabilidade social. As mudanças na leitura e imagem do negro vêm acontecendo e se alterando de forma lenta e gradativa. A exemplo, a Lei 4.370/98 em que a Comissão aprova cotas para negros nas mídias,

A Comissão de Defesa do Consumidor, Meio Ambiente e Minorias aprovou hoje o projeto de lei 4370/98, do deputado Paulo Paim (PT-RS), que institui cotas para representação da etnia negra nos filmes, anúncios publicitários, peças e programas veiculados pelas emissoras de televisão ou apresentados em cinemas. O texto obriga a presença mínima de 25% de afrodescendentes entre os atores e figurantes dos programas de televisão – extensiva aos elencos de peças de teatro – e de 40% nas peças publicitárias apresentadas nas tevês e nos cinemas (Agência Câmara de Notícias).²

Assim, quando se vê parte da comunidade negra nos meios televisivos, bem como em capas de revistas de produtos de cosméticos e produtos de beleza, a exemplo da Revista Avon (campanha 02/2022), revista de moda feminina como a Marie Claire (07/2020), apresentando jornais, a exemplo da Maria Júlia Coutinho (Majô) que é a primeira mulher negra na condução da apresentação do Jornal Nacional (Rede Globo), entre outros casos. Não se deve pensar que isso aconteceu de forma natural, além do talento, capacidade, formação, esses atores negros ainda contaram com o respaldo legal para terem visibilidade em suas projeções midiáticas. É preciso reconhecer que ainda falta representatividade, segundo matéria de Rahabe Barros, no sítio *Purebreak*³, de 25 de agosto de 2021, na qual ele diz que “apenas 7 atores negros foram protagonistas nas novelas de TV.”

Partindo da necessidade de selecionarmos obras de autores brancos e negros que trabalham questões étnico raciais. Analisar suas trajetórias de vida e apreender os ensinamentos de personagens negros da história e da atualidade são de suma importância para sustentar o estudo aqui proposto. Geralmente, deixamos de valorizar e explorar estudos de pesquisadores e pesquisadoras negros que podem

2 Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/17511-comissao-aprova-cotas-para-negros-na-midia/>. Acessado em 16/05/2022.

3 Disponível em: <https://www.purebreak.com.br/noticias/7-protagonistas-negros-de-novelas-que-mostram-a-falta-de-representatividade-na-tv/100242>. Acessado em 16/05/2022.

Building the way

apresentar outros olhares sobre as relações humanas, como pontua Chimamanda Ngozi Adichie (2019) em sua obra *O perigo de uma história única*.

Na referida obra, Chimamanda (2019) trabalha a importância de ouvirmos ou conhecermos “o outro lado da moeda”. Ela nos aguça a curiosidade de que enxergamos em parte, comumente aquilo que nos é mostrado de forma literal nos textos que lemos. Daí entra a necessidade da prática da leitura nas entrelinhas ou mesmo de fontes diferentes. Sem o conhecimento de visões diferentes tendemos a assimilar a primeira abordagem apresentada, sendo impedidos que nossos horizontes interpretativos tenham asas nas diversas possibilidades. “Lembra, ainda, como se sentia quando criança ao ler apenas contos de fada em que as personagens eram iguais: brancas, olhos azuis e viviam no frio.” (p. 07). Nesse contexto, era inconcebível visualizar uma princesa negra que vivia em uma região de clima muito quente. Daí, a necessidade de que a literatura, assim como os demais canais de comunicação, sejam vasta e eclética e produzida também por pessoas que vivem na pele o que é ser negro nesse país de colonização branca.

Ainda, em se tratando da importância de se conhecer outras histórias, faz-se necessário reconhecer que ouvir histórias diferentes podem influenciar as crianças em seus pensamentos e posicionamentos. De acordo com Abramovich,

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 2004, p. 17).

Além da necessidade histórica de se trabalhar questões relacionadas a cultura e identidade racial negra, faz-se necessário o cumprimento da legislação, como da Lei Afonso Arinos, que de acordo com o site da Fundação Cultural Palmares “se constituiu na primeira norma contra o racismo no Brasil. O Congresso Brasileiro, em 3 de julho de 1951, aprovou a Lei 1.390, que tornava contravenção penal a discriminação racial.” A Lei nº 7.716/1989 sobre o racismo e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996,

Pela proposta, quem recusasse hospedagem em hotel, entrada em estabelecimento comercial, matrícula em escola ou contratação em empresa pública ou privada, desde que “por preconceito de raça ou de cor”, poderia ser condenado a pagar multa e cumprir até um ano de prisão por

Building the way

discriminação por raça ou cor.” Já o crime de racismo, previsto na Lei nº 7.716/1989, “implica em conduta discriminatória dirigida a um determinado grupo ou coletividade e, geralmente, refere-se a crimes mais amplos.” A Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que “Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira (BRASIL, 2003).

175

Vale lembrar que essa questão ainda encontra muita resistência, como pode ser visto nos livros didáticos, quase sempre direcionados aos mitos e reprodução da história positivista que exalta alguns mitos e heróis, sem a contextualização da “história vista de baixo”, ou pela perspectiva dos subalternizados, das minorias estereotipadas, daqueles que ficaram à margem do processo histórico, dos homens e mulheres que não tiveram suas vozes ouvidas e assim não existiram na história do nosso país. Ressalta-se que o tempo que a lei foi aprovada e ainda há diversas discussões se/como e quando trabalhar a temática. A regulamentação é para que as discussões sejam problematizadas no ensino fundamental e médio, tanto de rede pública quanto privada. Enfim, o que se espera com o efetivo cumprimento da lei é que os alunos descendentes dos afro-brasileiros adquiram a consciência histórica acerca da própria identidade, reconstruam sua imagem de forma positiva superando o estigma da inferioridade que os persegue e exerçam, de forma digna, a sua cidadania.

Desse modo, buscamos descontinuar apenas a apresentação de histórias com os mesmos padrões de embranquecimento na formação dos valores identitários da criança, entendendo que a literatura infantojuvenil tem muito a contribuir para a quebra de paradigmas e processos de desconstruções “ideológicas” internalizadas e assimiladas pelo discurso do colonizador. Uma frase pronunciada por Nelson Mandela, ex-presidente da África do Sul e carinhosamente chamado de Madiba, confirma que por meio do ensinar às crianças, ideologias podem ser transformadas e diferentes realidades construídas.

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se elas podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente no coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta (NELSON MANDELA - citado em SILVA, 2015, p. 08).

Building the way

Há obras que abordam a valorização da representatividade negra em diversos livros infantojuvenis e por meio das suas histórias temos a possibilidade de promover a compreensão acerca das diferenças entre as pessoas, principalmente quando se refere a cor da pele. Essas obras contribuem para a formação de um sujeito consciente da diversidade étnico racial presente na sociedade brasileira com tanta pluralidade.

176

Corroborando a máxima que obras de literatura lidas para e pelas crianças podem mudar significativamente a visão que trazem de si mesmas e de seus contextos de histórias de vidas, Cosson (2018, p. 17) assevera que “Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos.”

A seguir, são apresentadas algumas obras literárias específicas para o público infantojuvenil a serem trabalhadas na sala de aula do ensino fundamental I. Foram selecionados alguns livros que possibilitam apresentar os conteúdos acerca da representatividade da negritude, de forma lúdica e com uma linguagem que alcance o público alvo.

A obra *O cabelo de Lelê* (2007) da autora Valeria Belém é direcionado especialmente para o público infantojuvenil. Antes de adentrar na indicação, muito chama a atenção as ilustrações feitas por Adriana Mendonça que aproximam bastante as crianças da obra, possibilitando que se interessem pela leitura e, de forma espontânea, vão aos poucos se identificando com a personagem. No trecho que diz: “Mexo e remexo, até encontrar o tal livro, muito sabido! Que tudo pode explicar (p. 13)” o enredo faz relação direta com a importância da literatura para as crianças como sendo uma resposta que anseiam para questões interpessoais e que precisam ser resolvidas internamente pelas crianças. A personagem é levada a viajar nas raízes da sua ancestralidade (África) e ao ter contato visual com diversos cabelos semelhantes ao seu, compreendendo que faz parte do DNA da sua família, acrescidas palavras de reconhecimento das belezas dos penteados e formas de apresentação dos cabelos crespos e cacheados “Puxado, armado, crescido, enfeitado, torcido, virado, batido, rodado. São tantos cabelos, tão lindos, tão belos (p. 14) Lelê se reconhece diante de sua negritude com prazer e alegria quando “descobre a beleza de ser como é” (p. 23). Depois de ser informada e estar consciente de suas origens “Lelê já sabe que em cada cachinho existe um pedaço de sua história (p. 26), a autoidentificação, aceitação

Building the way

e reconhecimento dos traços negros se dão por um processo natural e faz com que a personagem desenvolva o sentimento de pertencimento às suas raízes.

O livro *Meu crespo é de rainha* (2018) da pedagoga americana Bell Hooks é um belíssimo poema ilustrado por Cris Raschka. Escrito em uma linguagem bastante simples e encantadora pode ser lido por toda a família, especialmente a mamãe, avós, tias, irmãs, primas e demais membros da família que também têm os cabelos crespos. A personagem do poema se orgulha do seu cabelo com os traços afrodescendentes acentuados e apresenta diversas possibilidades de se produzir com beleza e elegância “Pode ser moicano pro alto, jogado pra baixo, amarrado com pompom ou cortado bem curtinho, ou livre, leve, ao sabor do vento”. Percebemos a maneira lúdica e carinhosa como a autora aproxima as meninas pretas de cabelos crespos da autoafirmação, reconhecimento e valorização das suas raízes “Menininha do cabelo lindo e cheiro doce, macio como pétala de flor ondulada e doce, cheio de chamego e aconchego.” A obra, indicada principalmente ao público infantojuvenil foi escrita com muita sensibilidade, com uma linguagem simples, direta e objetiva.

No desenvolvimento da narrativa a autora sugere diversos formatos de penteados “Cabelo para pentear, cabelo pra enfeitar, pra enrolar e trançar ou deixar como está”, e maneiras de se usar elegantemente tanto os cabelos crespos quanto adereços que além do toque refinado de beleza, coloca a personagem na posição de rainha (protagonista) do seu próprio mundo: “Uma tiara, uma coroa, cobrindo cabeças cheias de estilo”. O enredo leva a criança leitora à percepção de gostar e valorizar os seus cabelos crespos, como pode ser visto no trecho do poema, que diz: “Pixaim, sim! Gosto dele bem assim!” Essa obra se configura em uma leitura indispensável, podendo ser trabalhadas várias questões relacionadas a identidade racial, valorização, aceitação, elevação da autoestima e autoconfiança das pequenas *rainhas pretas de cabelos crespos*. O texto parte para o encerramento com indicação de felicidade das meninas de cabelo crespo dizendo: “Todas as meninas brincando livre. Feliz com o meu crespo. O meu crespo é de rainha.”

O livro *Minha mãe é negra sim* (2008) da autora Patrícia Santana narra a clássica história ocorrida na aula de Arte, que retrata um conflito entre docente e discente em decorrência das *cores ditas corretas* a serem utilizadas nas pinturas em sala de aula. A história colabora para uma reflexão que contempla tanto o ambiente escolar quanto familiar ao tratar de momentos específicos da educação direcionada a

Building the way

crianças pretas. Eno, o protagonista da história, começou a questionar as coisas da vida, desde que a professora solicitou que ele pintasse a sua mãe de amarelo em uma atividade escolar. Sendo ele de família negra e não se identificava com o padrão de branqueamento, orientado a seguir, o levou a sentir banzo, com a exigência da professora. A história segue o enredo com a preocupação dos pais ao perceberem a mudança de comportamento de Eno. Rotineiramente, seu avô, membro da família muito sábio e contador de histórias, colocou o neto no colo e após ouvir o que se passou com ele em sala de aula lhe ajudou a compreender todo o contexto da situação de discriminação velada que sofrera. Contou histórias esclarecedoras sobre o assunto “Falava de uma forma que só avô sabe, dando uma aula mansa, contando do tempo antigo, falando das coisas de hoje em dia. Falou do racismo, das dificuldades que as pessoas negras enfrentaram e enfrentam para serem aceitas neste mundo” (p. 22), até que o sorriso voltou no rosto de Eno. Na atividade escolar a pintura foi feita como deveria ser, apresentando a realidade da negritude de sua mãe, porém com a autoafirmação de sua origem, identidade e traços afrodescendentes como pode ser observado no trecho: “Professora, meu desenho de mãe, não pinte de amarelo, pinte de preto em negro como é minha mãe, como é a jabuticaba, o ébano, a beleza da noite escura. Pinte com as cores de mim mesmo” (p. 24). A professora olhou espantada, mas percebeu a seriedade da situação. E Eno completou: “Qualquer dia desses meu vô vem aqui dar aula, pra todos aprenderem sobre a nossa história” (p. 26). Percebemos o processo de politização, pertencimento e aceitação no trecho que diz: “Na cabeça de Eno tocava uma música que seu avô havia cantado para ele. “Eu sou negro sim, como Deus criou. Sei lutar pela vida, cantar liberdade, gostar dessa cor. Eu sou negro sim...” (p. 27). A obra apresenta inúmeras possibilidades para trabalhar questões direcionadas contra o preconceito racial, afirmação da identidade afrodescendente, importância da educação familiar e participação da família na vida escolar do aluno.

Outra obra que merece destaque para ser analisada em sala de aula do ensino fundamental é *Menina Bonita do laço de fita* da escritora Ana Maria Machado (2011), com ilustrações de Claudius. A obra pode ser usada como recurso didático extremamente rico, podendo ser trabalhada com crianças de todas as idades na promoção de discussões e rodas de conversa sobre a autoestima das crianças. A história dá destaque para a beleza negra, o respeito às diferenças, incentiva a

Building the way

valorização da diversidade na constituição da identidade do povo brasileiro. O enredo narra a história de uma menina negra que usava fitas no cabelo e que despertou a admiração de um coelho branco, que queria ter uma linda filha preta, parecida com a menina bonita de laço de fita. Como pode ser observado no texto: “A pele era escura e lustrosa, que nem pelo de pantera-negra quando pula na chuva. Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida. Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar” (p. 3-4). O coelho, por ela enamorado, tentou de todas as formas descobrir o segredo dela ter uma pele negra tão linda perguntando por diversas vezes: “Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?” E a história se desenvolve com diversas possibilidades irreais inventadas por ela, até que a mãe da coelhinha revela a verdade “Artes de uma avó preta que ela tinha” (p. 15). Nesse momento da história é possível trabalhar as questões identitárias já sugeridas, aproveitando o trecho que diz: “Aí o coelho – que era bobinho, mas nem tanto – viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos” (p. 16). A história se encerra com o matrimônio entre eles e a prole mestiça é apresentada às crianças.

Apresentamos a seguir, outras obras a título de indicação, porém sem aprofundar nas histórias, uma vez que estão disponíveis na *internet* de fácil acesso e a proposta é orientar professores e professoras. O livro literário *Amoras* do autor Leandro Roque de Oliveira (2018), *Cabelo ruim?* de Neusa Baptista Pinto (2010), O livro *Pequeno Príncipe Preto* do autor Rodrigo França (2020), *Com seu jeito, cada jeito* é de um de Lucimar Rosa Dias (2012), *O garoto da camisa vermelha* do autor Otávio Junior (2013), *Maju não vai à festa* de Mônica Pimentel (2016).

Uma questão que precisa ser reconhecida é o esforço de autores e autoras que não são negros, como Ruth Rocha e Ana Maria Machado, mas que têm ciência de suas origens e produzem literaturas para crianças no sentido de valorizar a cultura afro-brasileira. A exemplo da proposta aqui materializada, temos a obra intitulada *O amigo do rei* (2009), da autora Ruth Rocha que apresenta a discussão das representações da negritude na literatura, com uma linguagem simples e acessível que a faixa-etária do ensino fundamental I se encontra.

Building the way

Por meio da leitura de obras específicas para crianças no contexto explorado neste estudo, as escolas de ensino fundamental I poderão reconhecer e valorizar a cultura negra e naturalizar as relações étnico raciais. Em nossa percepção, essas são algumas ações estratégicas que podem passar a fazer parte do dia a dia de instituições de ensino comprometidas com saberes mais humanizados.

Considerações finais

Esse estudo apresentou como a literatura pode contribuir no processo de construção da identidade étnico-racial de crianças, considerando diversas possibilidades de leituras que livros de literatura podem oferecer. A escola utilizando estratégias lúdicas como contação de histórias, rodas de conversas, contato com a música, produção de desenhos, leituras e identificação dos materiais, pode explorar temas necessários e atuais como o racismo.

Contemplando a legislação vigente no caso específico da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, “que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, entende-se que esse estudo se configura em mais uma estratégia para a tentativa de cumprimento legal de trabalhar essa temática desde o ensino fundamental.

Afinal, a sala de aula deve ser um ambiente acolhedor, dialógico e de respeito às diferenças, possibilitando o reconhecimento da cultura e identidade das pessoas afrodescendentes. Ressalta-se que o intuito é partir do lugar de fala da criança contribuindo para a construção de uma visão mais reflexiva, crítica humanizada, participativa e inclusiva.

Cabe à escola, juntamente com a família e sociedade, exercer o papel social na luta contra o racismo, discriminação e preconceito de qualquer natureza, entendendo que as crianças do ensino fundamental I estão formando a base de suas leituras e visão de mundo.

No ambiente escolar tem-se a possibilidade de diálogos abertos em que os alunos externalizam seus pensamentos, frustrações e as dores que sofrem no dia a dia. Retomamos a obra *Minha mãe é negra sim* quando Eno, pela situação indelicada de racismo velado, sofrida na escola “não suportava mais tanto silêncio e resolveu

Building the way

contar ao avô o motivo da agonia” (p. 26). Situações semelhantes acontecem com frequência nas escolas e cabe também aos professores trabalharem, que ordinariamente têm a confiança das crianças, para a desconstrução do racismo de qualquer natureza.

Este estudo não consegue dar respostas para os incontáveis questionamentos acerca das manifestações racistas acontecidas no ambiente escolar, mas apresenta possibilidades de como a temática pode ser tratada de forma lúdica e produtiva em sala de aula por meio da literatura infantojuvenil específica para crianças negras indicadas neste artigo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2004.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BELEM, Valéria. *O cabelo de Lelê*. Companhia Editora Nacional, 2007.

BRASIL. *Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 15 ago. 2022.

CANDIDO, A. Direito à literatura. In: *Vários escritos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2017.

CASTRO, M. G. *Gênero e Raça: desafios à escola*. In: SANTANA, M. O (org). Lei 10.639/03 – educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afrobrasileira e africana no fundamental. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil*. São Paulo: Moderna, 2000.

Fundação Cultural Palmares. Brasília. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/>. Acesso em: 15 maio de 2022.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

HOOKS, Bell. *Meu crespo é de rainha*. São Paulo: Boitempo, 2018. 32 p.

Building the way

OLIVEIRA, Leandro Roque. *Emicida Amoras*. Ilustração de Aldo Fabrini. São Paulo. Companhia das Letrinhas, 2018.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

Nelson Mandela – citado em: SILVA, Aida M. M. Apresentação. In: SILVA, Aida M. M.; TIRIBA, Léa (Org.). *Direito ao ambiente como direito à vida: desafios para a educação em direitos humanos*. São Paulo: Cortez, (2015).

182

PINTO, Neusa Baptista. *Livro Cabelo Ruim?*. 4. ed. Brasil, 2010.

ROCHA, Ruth; Eich il, Cris. *O amigo do rei*. Col. Vou te Contar. São Paulo: Salamandra, 2009.

SANTANA, Patrícia. *Minha mãe é negra sim!*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

SILVA, Aida M. M. Apresentação. In: SILVA, Aida M. M.; TIRIBA, Léa (Org.). *Direito ao ambiente como direito à vida: desafios para a educação em direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2015.

MACHADO, Ana Maria. *Menina Bonita do laço de fita*. Rio de Janeiro: Ática, 2011.

VISTA minha pele. Direção de Joel Zito Araújo. Produção de Daniel Santiago. Realização de Casa de Criação Cinema e Propaganda. 2008. (27 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m7rLDHeIK3k>. Acesso em: 10 jun. 2022.

XADREZ das cores. Direção: Marco Schiavon. Gênero: Ficção. Ano de Produção: 2004. Elenco: Anselmo Vasconcellos, Mirian Pyres, Zezeh Barbosa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NavkKM7w-cc>. Acesso em: 05 jun. 2022.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.